



IDENTIDADE TERRITORIAL E ARTESANATO COM PORONGO NA REGIÃO CENTRAL DO RS – A NOÇÃO DE CIRCUITO ESPACIAL PRODUTIVO E SUAS POSSIBILIDADES NO ÂMBITO DO TURISMO

**Carolina Iuva de Mello¹
José Marcos Froehlich²**

Resumo

A região central do Rio Grande do Sul, em especial Santa Maria, tem grande potencial turístico que vem sendo explorado com maior intensidade nos últimos anos. Neste sentido, a valorização do artesanato de matriz identitária territorial é um modo de evidenciar a imagem e promover o turismo regional. Na região encontra-se o distrito de Arroio do Só, considerado o maior produtor de porongos do Brasil, sendo estes cultivados por agricultores familiares e utilizados para a fabricação de cuias para chimarrão em agroindústrias locais. Os resíduos do fruto, descartados pela indústria de cuia, vêm sendo utilizados por artesãs locais na confecção de artesanato. Porém, este não remete ao patrimônio histórico e cultural do território no qual as próprias artesãs estão inseridas. O presente artigo busca refletir e levantar possibilidades para a efetiva integração de um circuito espacial produtivo que resulte na utilização do porongo para artesanato de matriz identitária territorial, voltado ao consumo turístico. A configuração explícita deste circuito espacial produtivo

Recebimento: 2/9/2013 • Aceite: 14/11/2014

¹ Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria, SC, Brasil. E-mail: carolinaiuva@gmail.com

² Doutor em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Docente da Universidade Federal de Santa Maria, Brasil. E-mail: jmarcos.froehlich@gmail.com

pode facilitar a promoção de maior sinergia entre os atores envolvidos, levando à valorização de um material abundante e ampliando a visibilidade e o reconhecimento do patrimônio histórico e cultural da região.

Palavras-chave: Turismo; Artesanato; Identidade territorial; Porongo; Circuito espacial produtivo

TERRITORIAL IDENTITY AND HANDICRAFT WITH GOURDS IN CENTRAL REGION OF RS – THE NOTION OF PRODUCTIVE SPATIAL CIRCUIT AND ITS POSSIBILITIES IN THE TOURISM' FIELD

Abstract

The central region of Rio Grande do Sul, Santa Maria in particular, has great tourism potential that has been explored more intensively in recent years. In this sense, the appreciation of the handicraft with territorial identity is a way of evidencing the image and promoting the regional tourism. In the region is located the district of Arroio do Só, considered the largest producer of gourds of Brazil, which are cultivated by family farmers and used for local agribusinesses to making bowls for a local beverage called chimarrão. The fruit wastes, discarded by gourd industry, have been used by local craftswomen in handicrafts. However, this does not refer to the historical and cultural heritage of the area in which the artisans themselves are embedded. This article seeks to reflect and raise possibilities for the effective integration of a productive spatial circuit that results in the use of gourd in handicraft with territorial identity, aimed at the tourism consumption. The explicit setting of this productive spatial circuit may promote greater synergy between the actors involved, leading to the appreciation of an abundant material and increasing the visibility and recognition of historical and cultural heritage of the region.

Keywords: Tourism; Handicraft; Territorial identity; Porongo; Productive spatial circuit

Introdução

O Brasil é um país com grande diversidade cultural, onde cada região possui e cultiva características e costumes próprios. Porém, assim como outros países, vivencia uma era de grandes mudanças, em que a compressão espaço-tempo cada vez mais aproxima e intensifica as trocas materiais e culturais (HARVEY, 1992). Tal fenômeno promove o que é conhecido como globalização e que se caracteriza, segundo Giddens (2002), pelos laços genuinamente mundiais, ou seja, quando eventos que ocorrem em um lado do globo afetam comunidades e relações sociais no outro, e vice-versa. Neste processo, as fronteiras tornam-se mais permeáveis e ninguém pode eximir-se de gerar ou sofrer interferências. Com isso, a homogeneização das culturas tornou-se uma preocupação, na qual a globalização é responsabilizada como a possível promotora do declínio das identidades e da desconstrução do local.

Entretanto, em paralelo e como que num movimento reativo, também são vários os estudos e percepções que indicam que as culturas locais vêm sendo revalorizadas e a preocupação com relação ao resgate de saberes e tradições passou a permear discussões em diversas áreas do conhecimento. De acordo com Borges (2003, p. 63), “quanto mais a tal da globalização avança trazendo consigo a desterritorialização, mais [...] a gente sente necessidade de pertencer a algum lugar, àquele canto do mundo específico que nos define”.

Durante algum tempo também se acreditou que a industrialização iria acabar com a produção artesanal de bens, da mesma forma que a globalização iria matar as expressões culturais locais. Porém, ao contrário, atualmente há vários indícios de que o lugar do artesanato na sociedade contemporânea está se expandindo. Esse crescimento se dá muito em função da dimensão simbólica desses produtos, sua capacidade de aportar aos usuários e consumidores valores que vêm tendo cada vez mais apreço recentemente, como calor humano, singularidades e sentido de pertencimento (BORGES, 2011).

Neste sentido, o fortalecimento das identidades territoriais por meio do artesanato local tem servido em algumas experiências como uma estratégia para reforçar a imagem e o apelo de uma região, elaborando e/ou evidenciando vantagens comparativas do território. A valorização das diversidades e singularidades locais propicia a produção de bens culturais diferenciados, o consumo de mercadorias com qualidades específicas e o surgimento de novas modalidades de turismo. Nessa tendência, algumas comunidades buscam mobilizar

seus patrimônios naturais e culturais na tentativa de melhorar sua qualidade de vida³ (FROEHLICH e ALVES, 2007).

A abordagem territorial do desenvolvimento busca mobilizar todos os ativos relevantes nele, e o fluxo turístico, seja ele rural ou urbano, quando expressivo em certo grau, pode servir como vertebrador de uma série de ações de caráter intersetorial capazes de promover sinergias entre os atores territoriais (WISKERKE; PLOEG, 2004). A articulação entre os diversos elos de produção, comercialização e serviços em âmbito territorial costuma produzir dinamização, que promove o desenvolvimento. Leva-se em conta, nesta lógica, que os produtos locais são, em geral, manifestações culturais fortemente relacionadas com o território e a com a comunidade que os gerou e “para dinamizar os recursos do território e valorizar seu patrimônio cultural, é fundamental reconhecer e tornar reconhecíveis valores e qualidades locais” (KRUCKEN, 2009, p.18).

Neste sentido, a valorização do patrimônio histórico e cultural de uma localidade pode vir a promover o seu desenvolvimento, aumentando a qualidade de vida de sua população. Muitos territórios do país possuem um riquíssimo patrimônio cultural que deve ser conservado e pode ser mobilizado como potencial identitário a ser explorado pelo artesanato, como é o caso da região central do Rio Grande do Sul.

Com base no exposto, este trabalho tem como objetivo tomar a noção de circuito espacial produtivo (CASTILLO; FREDERICO, 2010) para analisar e refletir sobre as possibilidades de efetiva integração entre os componentes do aludido circuito no município de Santa Maria, que resulte na utilização do porongo pelo artesanato de matriz identitária territorial voltado ao consumo turístico. Tal utilização pode melhor aproveitar e valorizar um material abundante no local e promover a visibilidade e o reconhecimento do patrimônio histórico e cultural da região central do Rio Grande do Sul. O circuito já está pré-estabelecido na região, vinculando agricultores familiares, que atuam no cultivo do porongueiro; agroindústrias familiares, que fabricam

³Em sintonia com essa recente revalorização das identidades territoriais, foi lançado o Programa Talentos do Brasil, uma iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Agrário por meio da Secretaria da Agricultura Familiar (SAF/MDA) em parceria com a Caixa Econômica Federal, o SEBRAE e movimentos sindicais, que tem por objetivo estimular a produção artesanal de maneira sustentável, valorizando a identidade cultural e promovendo geração de renda para comunidades rurais em todo o país (KRUCKEN, 2009).

cuias a partir dos porongos; e artesãs, que utilizam o fruto para o artesanato. Entretanto, há pouca ou quase nula sinergia entre os atores. Ao propor o delineamento e visualização deste caso através da noção de circuito espacial produtivo, introduzindo o consumo turístico como um relevante componente, este artigo busca facilitar a promoção de ações que produzam maior sinergia entre os atores do circuito espacial.

Além desta introdução, o artigo se estrutura, na sequência, com um tópico que busca contextualizar as noções-chave que o permeiam: turismo, identidade e artesanato. Em seguida, evidenciam-se algumas características iconográficas e produtivas da região de Santa Maria, que poderiam ser mais bem aproveitadas pelo artesanato local. Por fim, discute-se a articulação do circuito espacial produtivo do porongo, com foco no artesanato de matriz identitária territorial para ser inserido no mercado turístico regional, seguindo-se das considerações finais.

Turismo, identidade e artesanato

Nos últimos anos o turismo tem se constituído objeto de maior interesse por parte de governos de países em todo o mundo, tornando-se um setor cada vez mais considerado na formulação das políticas de desenvolvimento territorial, notadamente nas escalas regional e local. Esse interesse crescente em promover a atividade turística se deve muito à necessidade imposta, sobretudo aos governos nacionais e subnacionais, de procurar desenvolver as vantagens comparativas dos territórios, fomentando setores que, além de apresentarem um significativo potencial de expansão, possam promover a integração desses territórios em espaços mais vastos e competitivos, para fazer frente à competitividade territorial ocasionada pelo processo de globalização econômica (SILVEIRA, 2005, p.129).

Entre as modalidades existentes de turismo, destaca-se o cultural, que “é o turismo que tem como finalidade expor à visitação todo o patrimônio histórico e cultural de uma comunidade ou região,

valorizando toda a forma de criação humana, sendo esta individual ou social” (MATTEI, 2004, p.195 apud NARDI; MIORIN, 2006). Esta modalidade está intimamente ligada ao território, tendo por finalidade a valorização dos diferentes modos de vida. Fundamenta-se, portanto, na valorização da comunidade local que, segundo Lages *et al.* (2004), pode ser definida pela união de pessoas em um mesmo território e que convivem socialmente com base em princípios e costumes semelhantes. Estes são determinados por dimensões físicas (características geológicas e recursos naturais), econômicas (organização espacial e social), simbólicas (relações culturais e afetivas entre grupos) e sociopolíticas (relações de dominação e poder).

Na perspectiva apontada por Abramovay (1998), o território pode ser percebido como um conjunto de relações entre raízes históricas, configurações políticas e identidades, relações estas preponderantes para o desenvolvimento. Assim, a territorialidade é condicionada por normas e valores culturais próprios, com seus próprios símbolos e significados que podem variar de uma sociedade para outra, no tempo e no espaço. A identidade cultural, portanto, é o que mantém o indivíduo pertencente à determinada localidade e o que torna um lugar único com características singulares.

Já a cultura em si é um fenômeno que, mediante símbolos e representações, auxilia na reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, é um processo de produção de significados capaz de manter ou modificar maneiras de viver, ideias e valores. Porém, os fenômenos culturais não se restringem somente ao campo imaterial, estão também relacionados às condições materiais disponíveis no local (CANCLINI, 2008). A cultura regional, portanto, é a união de manifestações culturais das diversas classes que compõem uma determinada região. Tanto as criações da denominada alta cultura, como as da chamada cultura popular e de massa, relacionam-se, criando e modificando a cultura local. De tal modo, a cultura está diretamente ligada à noção de identidade, pois através de símbolos e representações ela identifica, singulariza e congrega o que é interno e único do que é externo: “A identidade nasce da cultura e vice-versa” (VILLAS-BOAS, 2002, p. 55).

Neste sentido, o artesanato é um dos meios mais importantes de representação da identidade de um grupo social, pois através dele os valores coletivos são fortemente representados. Os produtos que trabalham as identidades culturais locais fazem com que os artesãos envolvidos tenham maior estima em relação às suas origens e ao seu

cotidiano, aumentando seu sentido de pertencimento (BORGES, 2011). Com efeito,

Na nova “economia da experiência” os produtos que tenham histórias para contar, que remetam a fatos e lugares, saberes e fazeres tradicionais são muito mais valorizados e desejados. O desafio é colocar em evidências estes atributos, diversificar e direcionar a oferta. Produtos capazes de despertar a curiosidade e o desejo nas pessoas identificadas com a singularidade das raízes culturais brasileiras, acompanhando o crescimento da demanda por bens simbólicos com forte identificação cultural com um determinado território (BARROSO, 2011, s.p.).

Daí derivam, atualmente, as recorrentes ações e projetos que visam à valorização da identidade territorial através do fortalecimento do seu artesanato. A título de ilustração, podemos destacar o Projeto Design e Artesanato, realizado junto aos artesãos de Barra do Riachão, distrito de São Joaquim do Monte (PE), famoso pela produção artesanal de rede de pesca. Durante a ação, que aproximou designers e artesãos, foram desenvolvidos novos produtos utilitários com matriz identitária local. A aproximação da gestão pública com a comunidade cresceu com o projeto, podendo-se afirmar que as políticas públicas de desenvolvimento territorial são facilitadas pela valorização dos produtos singulares de uma região (ALMEIDA; LAURENTINO, 2009).

No Rio Grande do Sul, casos que merecem destaque são o do grupo Bichos do Mar de Dentro e a Coleção Redeiras. Ambos receberam apoio do SEBRAE para desenvolver artesanalmente produtos diferenciados, utilizando a iconografia e matérias-primas locais. O grupo Bichos do Mar de Dentro é composto por artesãos dos municípios de Tapes, Camaquã, Rio Grande, Santa Vitória do Palmar e São Lourenço do Sul que, com o auxílio de uma equipe de designers, desenvolveram uma coleção de produtos que retratam a fauna da região, mais especificamente os animais silvestres que vivem na região da Costa Doce, na qual se inclui o chamado Mar de Dentro. Em 2012, os produtos, que incluem jogos, objetos decorativos e acessórios de uso pessoal, foram contemplados com o Prêmio SEBRAE TOP 100 de Artesanato, confirmando sua qualidade técnica e estética (BICHOS DO MAR DE DENTRO, 2011). Já a Coleção Redeiras é formada por um

grupo de artesãs da Colônia de Pescadores São Pedro, localizada no segundo distrito do município de Pelotas, que produzem artesanato com matéria-prima abundante na região, como redes de pesca, escama e couro de peixe. Pelas mãos habilidosas das artesãs, o material que seria descartado se transforma em colares, pulseiras e brincos (REDEIRAS, 2011).

Os casos expostos reiteram o valor atribuído aos produtos artesanais que buscam expressar aspectos identitários do território onde são produzidos, seja através da representação de elementos característicos da região, como no caso do grupo Bichos do Mar de Dentro, seja através da realocação de matéria-prima abundante e utilizada tradicionalmente em outro processo produtivo, como na Coleção Redeiras. Os turistas, ao visitarem estes locais, terão opções de artesanato com características específicas do local para adquirirem como souvenirs. Como podemos depreender dos exemplos mencionados, a estreita relação entre o artesanato de matriz identitária e o fluxo turístico recorrente em dada região, torna-se cada vez mais importante para o êxito de projetos que buscam ampliar a renda e valorizar atributos vinculados ao território, com vistas a dinamizar seu desenvolvimento.

Santa Maria – do porongo ao artesanato

Santa Maria está localizada no centro geográfico do Rio Grande do Sul e conta com quase 300 mil habitantes, sendo o 5º maior município do Estado em população. No entanto, é o 11º em PIB (Produto Interno Bruto) e o 297º em PIB *per capita*, segundo dados do IBGE (2009). Pertencente à mesorregião do Centro Ocidental Rio-Grandense, constituída por três microrregiões que congregam 31 municípios, Santa Maria se destaca por possuir a maior concentração populacional da região, sendo um forte centro de polarização especialmente devido às diversas instituições de ensino e militares presentes.

A cidade possui rico patrimônio histórico e cultural, com alto potencial identitário que, no entanto, não é refletido na temática do artesanato produzido na região. Um dos exemplos mais expressivos do patrimônio edificado local é o Sítio Ferroviário, formado pela Estação Férrea, Vila Belga e pelo Colégio Manoel Ribas. Este Sítio, tombado pelo IPHAE – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Estado do RS – guarda amplas relações com a história da cidade e de seu desenvolvimento.

A ferrovia, implantada em 1884, significou para a localidade a introdução das condições de mudança, via de troca constante de ideias, pessoas e bens materiais. Através do novo meio de transporte a população teve acesso facilitado a produtos alimentícios, maquinários e vestuário, adquiridos em várias partes do Brasil e até no exterior, assim como fortaleceu a comercialização dos produtos locais. A cidade de Santa Maria configurou-se como centro ferroviário do Estado, pois por ela cruzavam as linhas norte – sul do sistema internacional de trânsito e leste – oeste do estadual (CARVALHO, 2010, p.37).

A Vila Belga (Figura 1) é considerada o primeiro conjunto habitacional do Rio Grande do Sul e sua construção, inspirada em projetos semelhantes na França e Bélgica, iniciou-se em 1898 com o objetivo de servir de moradia aos trabalhadores e técnicos que precisavam permanecer próximos à estação para eventuais trabalhos noturnos. A existência do Sítio Ferroviário em Santa Maria, cujo apogeu se deu entre 1910 e 1950, impulsionou o desenvolvimento econômico, cultural e social da cidade.

Figura 1: Vila Belga, Santa Maria



Fonte: Prefeitura de Santa Maria, 2012

Com o enfraquecimento do transporte ferroviário, em grande parte devido ao alto investimento do Governo na construção de rodovias nas décadas seguintes à Segunda Guerra Mundial, “o

município de Santa Maria, centro ferroviário, sofreu grande impacto no processo de desenvolvimento e expansão urbana. Entretanto, encontrou em outros elementos referência para reorganizar-se como o setor educacional e militar⁴” (CARVALHO, 2010, p.39).

Um dos atuais distritos de Santa Maria que possuía uma importante Estação Ferroviária era Arroio do Só (Figura 2). A estação foi inaugurada em 1885 e fazia parte da linha Porto Alegre – Uruguaiana, o que possibilitou forte desenvolvimento socioeconômico no local. Porém, com a desarticulação das ferrovias nacionais a partir da década de 50, e o posterior cessamento dos trens de passageiros em 1996, o distrito sofreu grande impacto, resultando em amplo êxodo populacional (CARVALHO, 2011).

Figura 2: Estação de Arroio do Só em 2011. Foto: Luis André Missio



Fonte: Estações Ferroviárias do Brasil, 2011

Segundo dados da Prefeitura de Santa Maria (2012), o distrito de Arroio do Só conta atualmente com população aproximada de 1200 habitantes, sendo o maior produtor de porongos do Brasil, exportando para o Uruguai e Argentina. O porongo é proveniente do porongueiro⁵, planta da família das cucurbitáceas, e no sul do Brasil é comumente utilizado por pequenas indústrias na fabricação de cuias para o preparo do chimarrão. Em Arroio do Só, a Emater/RS-Ascar assiste a

⁴ Estes setores também possuem iconografia própria que poderia ser mais amplamente utilizada pelo artesanato da região, entretanto o tema não será aprofundado por não constituir o foco deste trabalho.

⁵ Em outras regiões do Brasil o porongueiro é conhecido por cabaceira, e o seu fruto por cabaça.

cerca de 60 produtores e o plantio da cultura chega aos 600 hectares (EMATER/RS-Ascar, 2010). De acordo com Carvalho (2010), o êxodo de habitantes no distrito vem apresentando-se menos intenso se comparado a outros períodos, devido à instalação ali de cinco fábricas de cuias. A produção de porongo já é antiga na região, mas ganhou ênfase nas últimas décadas, sendo grande parte da produção beneficiada no próprio distrito.

Com a introdução das cinco fábricas de cuias em conjunto com o cultivo intenso de porongos que a dinâmica e organização do distrito tem se transformado de forma relevante. Alterando culturas tradicionais e atraindo novos olhares para o distrito. Em média, cada uma das fábricas emprega de sete a oito funcionários, mais a mão-de-obra familiar. São fábricas familiares que beneficiam os porongos, transformando-os em cuias. O cultivo de porongos é mais antigo do que a instalação das fábricas, as quais surgiram em torno de 15 anos. No entanto, a introdução dessas incentivou ainda mais o plantio de porongos, principalmente porque a comercialização foi facilitada. O agricultor tem garantia da venda da sua produção (CARVALHO, 2010, p.86).

Portanto, devido ao baixo custo de produção e pouca exigência em máquinas especializadas, a produção de porongos é de grande importância para os pequenos agricultores do Rio Grande do Sul, especialmente da região de Santa Maria, onde se concentra o maior número de indústrias de beneficiamento do fruto (BISOGNIN *et al.*, 1995). Entretanto, observa-se grande variabilidade genética nas populações de porongo utilizadas, o que resulta na produção de frutos de diversos formatos e tamanhos, sendo muitos rejeitados pelas fábricas de cuias. Além disso, o fruto não é utilizado em sua totalidade para a elaboração das cuias e a parte não aproveitada é descartada. Isso torna o porongo, bem como seus resíduos, matéria-prima abundante na região (BISOGNIN; MARCHESAN, 1988; CARVALHO, 2010).

O potencial do porongo para o artesanato é bastante expressivo e a Prefeitura de Santa Maria até já promoveu cursos com o objetivo de impulsionar a sua utilização. Entretanto, os produtos resultantes

destes cursos não possuem apelo identitário territorial, o que poderia destacar o artesanato Santa-Mariense no cenário estadual e mesmo nacional, mas remetem inclusive a figuras típicas de outras regiões do Brasil (Figura 3).

Figura 3: Resultado de curso de artesanato em porongo promovido pela Prefeitura de Santa Maria



Fonte: Prefeitura de Santa Maria, 2012

Como mencionado por Fagundes (2010), também em Arroio do Só há um grupo de mulheres que utiliza os rejeitos de porongo das fábricas de cuias para a elaboração de artesanato (Figura 4). Entretanto, estes também não expressam uma iconografia com base em matriz identitária territorial, evidenciando uma lacuna na oferta ao consumo tanto de locais quanto daquele advindo do crescente fluxo turístico no território.

Figura 4: Artesanato em porongo desenvolvido em Arroio do Só



Fonte: Fagundes, 2010

Como vimos, portanto, encontra-se delineado na região o que podemos chamar de um circuito espacial produtivo, vinculando agricultores familiares, pequenas agroindústrias e artesãs. A seguir, buscamos pensar as possibilidades de melhor articular a atual demanda do consumo turístico por produtos com matriz identitária territorial, com a elaboração do artesanato com base na produção de porongo, mediante a noção de circuito espacial produtivo, bem como as lacunas que dificultam a melhor integração de tal circuito.

Artesanato com porongo – a noção de circuito espacial produtivo e suas possibilidades

Com a crescente especialização produtiva dos lugares, possibilitada pela combinação entre o desenvolvimento dos sistemas de transportes e comunicações e a política de Estados e empresas, aumentam os fluxos materiais e informacionais, distanciando cada vez mais os locais de produção dos locais de consumo, tornando mais complexas a distribuição espacial das atividades econômicas e a articulação entre as diferentes etapas, em diferentes lugares, da produção. [...] A noção de circuito espacial produtivo enfatiza, a um

só tempo, a centralidade da circulação (*circuito*) no encadeamento das diversas etapas da produção; a condição do espaço (*espacial*) como variável ativa na reprodução social; e o enfoque centrado no ramo, ou seja, na atividade produtiva dominante (*produtivo*) (CASTILLO; FREDERICO, 2010, p.462-3).

Como já foi anteriormente explanado, a produção do porongo possui grande relevância para a região de Santa Maria, sendo o distrito de Arroio do Só o maior produtor da América Latina. Sua produção se dá através da agricultura familiar e é comumente utilizado para a fabricação de cuias, em geral a cargo de agroindústrias familiares. É preciso destacar que há vários casos em que essas duas tarefas, cultivo e fabricação, são realizadas pela mesma família.

Em razão de o porongo ser abundante na região, existem grupos de artesãos que o utilizam como matéria-prima para o artesanato, tanto em sua totalidade (pois quando o fruto não se adequa ao formato da cuia ele é descartado), como também os resíduos provenientes das agroindústrias, pois a parte apical não é aproveitada na fabricação de cuias. Ressalta-se que o artesanato com porongo por vezes é feito pela própria família do agricultor que cultiva o fruto, ou então pela família daquele que trabalha no seu beneficiamento.

Com base no exposto, pode-se afirmar que está estabelecida na região a condição de circuito espacial produtivo, envolvendo pequenos agricultores, agroindústrias familiares e artesãos. Entretanto, constata-se que a articulação entre os atores atualmente envolvidos no circuito não promove sinergia territorial, esta entendida como “a união entre duas ou mais entidades, cujo esforço conjunto produz efeitos quantitativos e qualitativos superiores aos que produziriam as mesmas entidades de maneira independente” (WISKERKE; PLOEG, 2004, p.321).

Neste contexto, a região central, principalmente a partir de Santa Maria, tem recebido um crescente fluxo turístico nos últimos anos e possui ainda grande potencial para ampliá-lo⁶. A Vila Belga, por

⁶ Santa Maria recebe elevado fluxo turístico advindo dos eventos da UFSM e outras IES, das instituições militares, da oferta de serviços e comércios para a região, bem como das várias iniciativas do Consórcio de Desenvolvimento Sustentável (CONDESUS) para ampliar o número de visitantes aos

exemplo, foi recentemente revitalizada. Entretanto, ainda há uma lacuna no mercado conformado pelo fluxo turístico, pois há demanda por artesanato que remeta à identidade local, mas praticamente não há esta oferta. Os artesãos locais ainda não assimilaram o fato de que a identidade do território é uma forma de diferenciação dos seus produtos e de valorização do seu próprio território.

Algumas iniciativas isoladas foram feitas para minimizar esta lacuna. Em 2010, por exemplo, um grupo de alunos do curso de Desenho Industrial da Universidade Federal de Santa Maria, participantes de projeto de extensão que unia design e artesanato⁷, desenvolveu uma linha de produtos com estampas representativas da Vila Belga (Figura 5), mas somente alguns exemplares foram fabricados. Uma das principais barreiras para o êxito do projeto em questão foi que todas as etapas, desde a produção até a venda, ficaram a cargo do grupo de artesãs, dificultando muito a abertura de novos canais de comercialização. Para que projetos de valorização da identidade territorial com base social tenham maiores chances de sucesso, eles devem ser apoiados por instituições e atores locais, como a prefeitura, secretaria de turismo ou a câmara de comércio, indústria e serviços do município, além das próprias entidades que congregam os artesãos e seus parceiros, em seus diversos ramos.

Figura 5: Produtos Vila Belga, Santa Maria



Fonte: Pichler, 2011

municípios da Quarta Colônia, microrregião da região central do RS. Sobre a Quarta Colônia, ver Froehlich e Alves (2007).

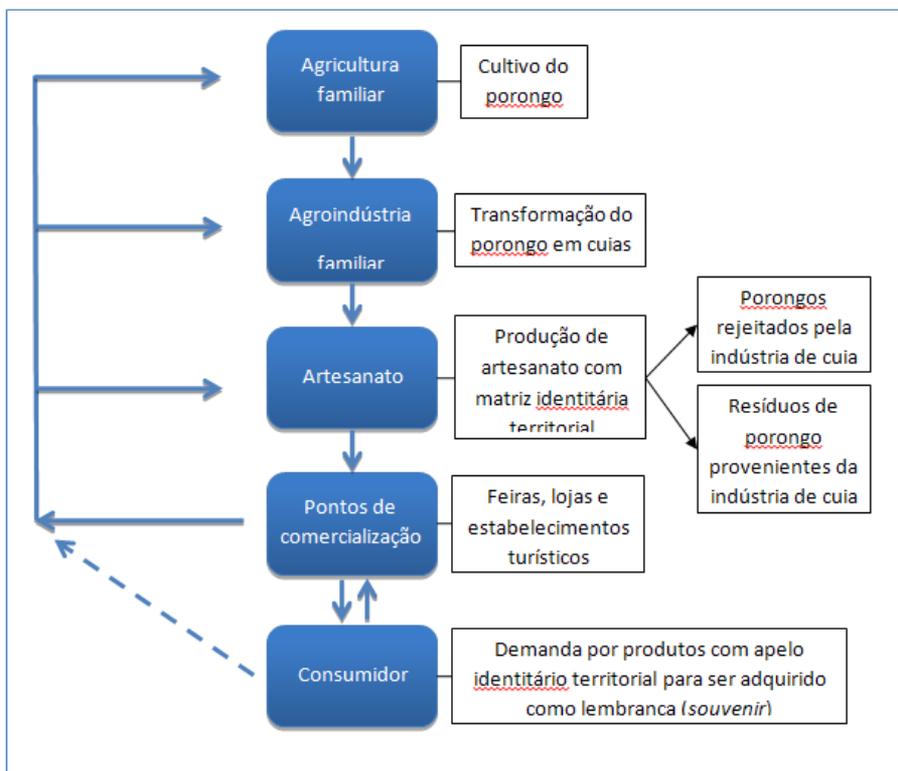
⁷ Projeto de extensão intitulado ‘Design Social: geração de renda e resgate cultural através do design associado ao artesanato’.

Em contraste com o caso supracitado, a experiência espanhola de promoção dos territórios mostra, por exemplo, que nos locais onde se produziu uma boa sinergia entre atores (individuais e coletivos) e instituições (públicas e privadas), o desenvolvimento territorial foi exitoso, enquanto que naqueles locais onde isso não ocorreu não se conseguiu aproveitar suficientemente as oportunidades apresentadas (FORO IESA, 2009).

Deste modo, para facilitar a promoção de ações que produzam maior sinergia entre os atores, torna-se relevante em primeiro plano o delineamento e a visualização do que podemos considerar um circuito espacial produtivo referente ao artesanato de porongo com matriz identitária territorial. Esta proposta de esquematização do circuito espacial produtivo pode ser vista na Figura 6, iniciando pelo cultivo do porongo, passando para a fabricação de cuia⁸ e chegando ao artesanato, que pode ser feito tanto a partir dos porongos rejeitados pela indústria de cuias como pelos seus resíduos. Para fortalecer a etapa da venda, deve-se mobilizar tanto o poder público como o privado, através de parcerias que incluam e ampliem os pontos de comercialização em feiras, eventos, lojas e estabelecimentos turísticos, como agências, hotéis e restaurantes. Ou seja, todos os principais locais que costumam ser rota de passagem de visitantes e turistas e que conformam o consumo turístico.

⁸ Também as próprias cuias para chimarrão podem ser consideradas enquanto artesanato e passarem a apresentar maior apelo iconográfico baseado na matriz identitária territorial.

Figura 6: Circuito espacial produtivo do artesanato de porongo, Santa Maria, região central do RS



Conforme Altmann (2006), a referência ao local de origem pode abrir mercado aos produtos regionais e assegurar melhores preços aos produtores familiares com condições de competitividade. Ainda, a agregação de valor aos produtos territoriais através da diferenciação por meio da valorização da diversidade histórico-cultural possibilita alcançar novos mercados e abarca uma alternativa econômica a mais às regiões mais desfavorecidas.

Portanto, o artesanato de porongo com matriz identitária territorial resultante do circuito espacial produtivo em tela, ao ter como foco o mercado turístico da região, poderá ser adquirido por turistas que visitam a cidade e gostariam de levar uma lembrança que remeta a características próprias do local. Não se descarta que, futuramente, com melhor integração entre os componentes deste circuito, possa se estimular inclusive uma nova rota de turismo rural,

levando os turistas aos locais de produção e beneficiamento do porongo para que este vivencie todo o circuito espacial produtivo – possibilidade representada pela flecha pontilhada na Figura 6.

Todavia, para o aprimoramento técnico do artesanato em porongo produzido na região, é necessário ainda o estabelecimento de novas tecnologias, inclusive recorrendo-se às chamadas tecnologias sociais⁹, que permitam ao artesão maior controle sobre a matéria-prima. Isso pode se dar através da consolidação de convênios de pesquisa com universidades do município visando fomentar a inovação, que pode abordar desde a seleção de sementes e variedades de porongueiro, que resultem em frutos com formatos mais adequados (tanto para cuias quanto para o artesanato); desenvolvimento de vernizes adequados para a proteção do porongo contra intempéries e fungos; adaptação ou criação de novas ferramentas para uma melhor manipulação do material; entre outros.

A aproximação entre os artesãos e designers também é imprescindível para o fortalecimento do circuito espacial produtivo, pois uma das maneiras de se viabilizar o desenvolvimento de produtos artesanais diferenciados é através da interação entre design e artesanato em projetos que levem em conta as características locais de manufatura, a iconografia local, segmentos de mercado a serem atingidos e potencialidades criativas dos atores envolvidos.

Por fim, esse cenário requer novas políticas públicas que valorizem os dispositivos de reconhecimento da produção artesanal diferenciada e de alta qualidade, possibilitando aos artesãos competir no setor de produtos turísticos (*souvenirs*). Seriam necessários aportes qualificados às articulações intermunicipais, capazes de diagnosticar oportunidades e obstáculos existentes para o mercado artesanal no território, para formular um plano de desenvolvimento e governança territorial e atacar os gargalos que entravam uma sinergia positiva entre os atores. Também cabe às empresas e organizações

⁹ Para Dagnino (2009, p. 315), a tecnologia social se constitui por “produtos, técnicas ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social”. O autor apresenta ainda que a tecnologia social pode também ser entendida “como resultado da ação de um coletivo de produtores sobre determinado processo de trabalho engendrado pela propriedade coletiva dos meios de produção, pelo controle autogestionário e pela cooperação voluntária e participativa, permitindo a redução do tempo necessário à fabricação dos produtos e a repartição concertada dos resultados”.

locais apoiarem os produtos de matriz identitária territorial, disponibilizando-os para comercialização ou publicizando-os em seus estabelecimentos e eventos. Criam-se assim novas formas de interação dentro do território, proporcionando melhor integração e, por conseguinte, fortalecendo o circuito espacial produtivo do artesanato com porongo na região central do RS.

Considerações finais

Arroio do Só, distrito de Santa Maria, principal município da região central do RS, é o maior produtor de porongos do Brasil, sendo cultivado por agricultores familiares e utilizado para a fabricação de cuias para chimarrão em pequenas agroindústrias locais. Os frutos que são descartados pela indústria de cuia, assim como os seus resíduos, vêm sendo utilizados por artesãs locais na confecção de artesanato. Está, portanto, configurado ali um circuito espacial produtivo do artesanato de porongo. Entretanto, também se constata que a articulação entre os atores atualmente envolvidos no circuito não promove sinergia territorial.

A partir de observações do artesanato produzido e comercializado na localidade, constatou-se a ínfima utilização de referências iconográficas territoriais nos produtos. Com crescente fluxo turístico nos últimos anos, a cidade possui rico patrimônio cultural que ainda não foi amplamente explorado pelo artesanato. Há, portanto, uma lacuna a ser preenchida no mercado turístico do município por produtos com apelo identitário.

A proposta de utilização do porongo no desenvolvimento de artesanato com referências identitárias territoriais pode contribuir para a sua valorização como matéria-prima, incentivando seu cultivo e fornecendo uma nova alternativa para os resíduos do material, atualmente abundantes na região, além de oferecer uma opção de *souvenir* para o turista que visitar a localidade. A configuração proposta pode vir a facilitar a promoção de maior sinergia entre os atores envolvidos, ampliando a visibilidade e o reconhecimento do patrimônio histórico e cultural da região central do Rio Grande do Sul.

Somada a isso, a aproximação entre artesões e instituições de pesquisa e extensão pode promover melhorias técnicas e estéticas no artesanato atualmente produzido na região, bem como parcerias com instituições públicas e privadas podem promover o acesso destes novos produtos a novos mercados. Essas novas formas de interação dentro do território proporcionam melhor integração entre os atores e aprimora

o circuito espacial produtivo do artesanato com porongo na região central do Estado.

Por fim, pode-se afirmar que a história que faz parte do produto e os saberes e modos de fazer locais, além de serem aspectos cada vez mais valorizados pelos consumidores, servem também de apoio para a preservação do patrimônio histórico-cultural e natural dos territórios. Tais aspectos se tornam fundamentais na atualidade devido ao crescimento expressivo da demanda por bens simbólicos e com forte identificação cultural. Esses produtos, ao incorporarem uma identidade territorial que pode ser reconhecida pelos consumidores, podem se tornar importantes vetores de desenvolvimento.

Referências

ABRAMOVAY, R. **Bases para a formulação da política Brasileira de desenvolvimento rural**: agricultura familiar e desenvolvimento territorial. Brasília: IPEA, 1998.

ALMEIDA, M. D. G. A. A. D.; LAURENTINO, A. L. Extensão Rural e Novas Ruralidades: a produção artesanal de Barra do Riachão como estratégia para promover o desenvolvimento local. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, XXXII, 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba, Local, 2009. p.

ALTMANN, R. Certificação de Qualidade e Origem e Desenvolvimento Rural. Novo Paradigma no mercado de Alimentos. In: LAGARES, L; LAGES, V; BRAGA, C. (Orgs.). **Valorização de Produtos com Diferencial de qualidade e identidade**: Indicações geográficas e certificações para competitividade nos negócios. Brasília: SEBRAE, 2006.

BARROSO, E. **Cultura material brasileira e a valorização dos produtos singulares**. 2011. Disponível em: <<http://eduardobarroso.blogspot.com.br/2011/01/cultura-material-brasileira-e.html>>. Acesso em: 24 maio 2012.

BICHOS DO MAR DE DENTRO. **Associação**. 2011. Disponível em: <<http://www.bichosmardedentro.com.br/Associacao>>. Acesso em: 10 out. 2012.

BISOGNIN, D. A. *et al.* Análise do crescimento inicial de plantas de porongo: *Lagenaria siceraria*. **Horticultura Brasileira**, v. 13, n. 2, p. 163-166, 1995.

BISOGNIN, D. A.; MARCHESAN, E. Avaliação de algumas populações de porongo - *Lagenaria siceraria* (Mol.) Standi - cultivadas na região de Santa Maria, RS. **Revista do Centro de Ciências Rurais**, v. 18, n. 3-4, p. 201-207, 1988.

BORGES, A. **Designer não é personal trainer: e outros escritos**. 2. ed. São Paulo: Edições Rosari, 2003.

_____. **Design + artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CARVALHO, A. **Transformações socioespaciais e desenvolvimento rural no 5º distrito de Santa Maria/RS, Arroio do Só**. (2010). 128f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, n.3, p.461-474, 2010.

DAGNINO, R. Tecnologias Sociais In: CATTANI, A. D. *et al.* **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo: Almedina, 2009.

EMATER/RS-Ascar. **Cultura do Porongo é atração em Santa Maria neste final de semana**. 2010. Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/noticias/noticia.php?id=10833>>. Acesso em: 24 maio 2012.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. **Arroio do Só**. 2011. Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/rs_uruguaiana/arroio.htm>. Acesso em: 06 out. 2012.

FAGUNDES, L. A. **A pobreza rural no distrito de Arroio do Só, Santa Maria/RS**. (2010). 65f. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de Geografia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

FORO IESA. **Del desarrollo rural al desarrollo territorial: Reflexiones a partir de la experiencia española. Foro IESA sobre la Cohesión de los Territorios Rurales**. Andaluzia, Espanha. Dezembro de 2009.

FROEHLICH, J. M.; ALVES, H. F. I. Novas identidades, Novos territórios – mobilizando os recursos culturais para o desenvolvimento territorial. **Revista Extensão Rural**, n. 14. Jan-Dez, 2007.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução Dentzien, P. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas de População**. 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/estimativa.shtm>>. Acesso em: 10 abr. 2012.

KRUCKEN, L. **Design e território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LAGES, V. N. *et al.* **Territórios em movimento**: cultura e identidade como estratégias de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

NARDI, O.; MIORIN, V. M. F. Valorização territorial da ruralidade da Quarta Colônia de Imigração Italiana no RS. In: **Anais do II Encontro de Grupos de Pesquisa**, Uberlândia. 2006.

PICHLER, R. F. *et al.* Design para inovação social e resgate cultural através de uma experiência extensionista. In: **Anais do 3º Simpósio Brasileiro de Design Sustentável**, Recife. 2011.

PREFEITURA DE SANTA MARIA. **Página institucional**. 2012. Disponível em: <www.santamaria.gov.br/>. Acesso em: 28 ago. 2012.

REDEIRAS. **Coleção Redeiras – Quem somos**. 2011. Disponível em: <<http://www.redeiras.com.br>>. Acesso em: 15 ago. 2012.

SILVEIRA, M. A. T. D. Turismo e estratégias de desenvolvimento local. **Interações - Revista Internacional de Desenvolvimento Local**, v. 7, n. 11, p. 129-139, Set. 2005.

VILLAS-BOAS, A. **Identidade e Cultura**. Rio de Janeiro: 2AB, 2002.

WISKERKE, J.; PLOEG, J. D. van der. **Seed of transition**. Essays on novelty production, niches and regimes in agriculture. Assen: Royal Van Gorcum, 2004.